

**CULTURA CORPORAL JUVENIL DA PERÍFERIA PAULISTANA:  
SUBSÍDIOS PARA CONSTRUÇÃO DE UM CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO  
FÍSICA**

Cyro Irany Chaim Junior  
Grupo de Pesquisas em Educação Física escolar da FEUSP/CNPQ

resumo

A juventude tem representado, e carrega implicitamente, uma expectativa e sentimentos de renovação. É a partir do olhar individualista e das grandes mudanças históricas e sociais engatilhadas pela modernidade que as atenções se voltaram para as gerações mais novas atribuindo-lhes tanto o significado de fase preparatória quanto de continuidade da vida. Esta idéia de “vir-a-ser” projeta sua função para o futuro e estabelece as culturas de um determinado mundo adulto como dignas de alcance. Desta forma, as culturas juvenis, que em alguma medida buscam espaços de expressão própria, por isso mesmo, têm sido caracterizadas como rebeldes e transgressoras. Tais adjetivações comumente fundamentam-se em explicações biológicas e deterministas. Atualmente, por conta da nova configuração global que organiza a sociedade, a aproximação de culturas diferentes tornou-se inevitável, criando assim espaços de lutas entre a cultura hegemônica e a cultura até então alheia aos espaços e instituições de domínio público, das quais se destaca a escola. Assim, o foco deste estudo recaiu no reconhecimento dos saberes dos diversos grupos sociais que recentemente adentraram à escola e que, historicamente, têm assistido a negligência curricular do seu patrimônio cultural corporal, embora, como se constatou, isso não ocorra de forma passiva, silenciosa e sem conflito. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa de cunho qualitativo de tipo etnográfico que visou identificar, por meio de questionamentos a grupo focal, o repertório cultural corporal juvenil pertencente a um grupo socialmente desprivilegiado tomando-se como referência o critério econômico. O material coletado foi confrontado com a construção teórica advinda da teorização cultural. O reconhecimento e análise do patrimônio corporal desse grupo social permitiu-nos a apresentação de alguns encaminhamentos para a construção de uma proposta curricular de Educação Física na perspectiva sociocultural.

Palavras-chave: cultura juvenil, cultura corporal, currículo

No decorrer de minha trajetória profissional, tenho me dedicado à reflexão sobre a atuação educativa frente ao público jovem. Várias indagações e questionamentos foram sendo construídos ao longo destes anos. O primeiro deles se dá a partir da percepção da capacidade de renovação proporcionada pela juventude, circunscrito aos diversos tempos e espaços. Muitas vezes essa renovação se dá travestida em transgressão. Transgredir, romper, passar dos limites, marca a vontade de escapar à conformidade, ao que aí está posto, aquilo que de certa forma representa uma noção de cultura.

A ruptura a que me refiro é algo que transita para uma esfera de existência poética, mesmo que, por curtos intervalos. Apesar disso, não se trata de poesia, no sentido literário; é poética no sentido de ser totalmente desvinculado do caráter banal e prosaico como diria Morin (1998).

Este mundo poético é o mundo da fantasia, do simbólico, da imaginação. O mundo extraordinário que rompe com todas as atividades chatas, desagradáveis e que nos insere nesse novo universo de encantamento e, muitas vezes, de alegria.

Sob determinado aspecto é a questão da experiência amorosa, da paixão, do contato com o homem ou mulher amados, que faz com que o mundo fique colorido à nossa frente. Esquecemos todas as obrigações, os sacrifícios, os compromissos, a depressão, o estresse e a tristeza, e vemos a beleza da vida.

Prosaico é a vida cotidiana. São as atividades obrigatórias, a rotina do trabalho, a rotina da casa, as obrigações com a família, as obrigações de produtores, de consumidores, as obrigações de toda ordem. O prosaico é essa repetição monótona que dá fundamento à própria vida, que preserva a própria vida e que é, portanto, totalmente necessária. Realizamos essas atividades do mundo prosaico, um mundo muito objetivo e prático, porque elas têm uma utilidade imediata, elas rendem alguma coisa, seja dinheiro, prestígio ou tempo; enfim, são práticas, têm uma finalidade em si.

Muitas vezes, as atividades prosaicas podem ser substituídas, mesmo que por curtos intervalos, por uma espécie de imersão nesse mundo do universo poético.

Esse universo é o alicerce que sustenta a necessidade prosaica, é a quebra da rotina. Porém, em algumas situações, a incursão no mundo de poesia pode ser dramática e bastante infeliz. Tem seus riscos, mas, muitas vezes é preciso coragem para enfrentá-los.

Em nenhum outro momento da vida, nos inclinamos tão freqüentemente à realidade poética como durante a juventude e sobre sua necessidade de transgredir esta realidade prosaica, que ajudou a constituir a idéia de fase da vida “indigesta” e que, em alguma medida e sob certa perspectiva, é marcada por características rebeldes, conflituosas e perigosas, quando fundamentada em alterações psicobiológicas (HALL citado por CALLIGARIS, 2000; PALÁCIOS, 1993 e HURLOCK, 1961).

O segundo questionamento veio a partir das próprias dificuldades associadas à vida com a juventude no interior do espaço escolar durante as aulas de Educação Física e também através do contato com os colegas professores e professoras que manifestavam tais dificuldades e até mesmo o desencanto em desenvolver seus trabalhos junto aos jovens. Entre as reclamações mais comuns por parte dos profissionais que atuam na escola, encontramos a indisciplina, a falta de interesse dos alunos e alunas e o desrespeito em diversas medidas. Em espaços de formação contínua destes profissionais, percebemos, de maneira informal, mas sistemática, que se lhes fosse dada a opção, a grande maioria preferiria trabalhar com as etapas iniciais da escolarização, dadas tais dificuldades.

Minhas preocupações com o fenômeno educativo foram lentamente se alargando pela curiosidade de melhor conhecer a realidade que insistentemente cruzava minha trajetória profissional. Estas problemáticas impeliram-me ao estudo da realidade juvenil que, num primeiro momento, me fizeram buscar as respostas nas explicações deterministas que se caracterizavam como naturais e universais.

Tais explicações, inicialmente, nos transportavam (a mim e a outros colegas) simplesmente a um saudoso passado “no qual as coisas funcionavam da forma correta”. E que, sob determinada pedagogia, através daqueles momentos escolares destinados às práticas corporais, o jovem aprenderia a socializar-se, a enfrentar desafios, a respeitar os outros e as regras, a trabalhar em equipe etc.

Importante lembrar que, segundo Torres Santomé (2006), os modelos educativos tradicionais estavam em consonância com o tipo de homem ou mulher que a sociedade desejava formar. Simultaneamente, com os princípios sociais daquele momento, as crianças e jovens eram levadas a interiorizar como “posturas corretas” determinadas normas, condutas e valores que continuaram a orientar os seus comportamentos enquanto adultos e adultas, através de uma educação que recorria à exclusão e à medidas punitivas severas. Estes princípios estavam orientados para

atender as expectativas sociais na formação de um adulto obediente, submisso, disciplinado e acrítico, frente a autoridades públicas e paternas.

Cada visão de mundo está vinculada à linguagem do grupo que lhe corresponde. Porém, a escola valorizava e transmitia exclusivamente a linguagem oficial, propagando um mundo de valores, ideologias, e modos de vida, mediante procedimentos muitas vezes inconscientes por parte dos seus agentes. Torres Santomé (2006) é de opinião de que o princípio da exclusão se alicerçava no silenciamento ou negação da fala do aluno que não provém do extrato social dominante.

Desconsiderávamos, entretanto, que através destes momentos escolares, também eram construídas subjetividades, por vezes bastantes dolorosas. Alguns experimentaram a segregação, a vergonha, a sensação do fracasso e a inabilidade de seus corpos, apenas por não se adequarem à cultura escolar. O professor ou a professora, revestidos de determinado poder outorgado pela sociedade, podiam, em certa medida, garantir a disciplina “adequada” às aulas. Assim, sob a influência do estigma e da leitura homogênea, também provenientes do senso comum, de que o jovem era um personagem rebelde, as coisas naquele momento pareciam funcionar relativamente bem.

Esta idéia determinista de jovem, sua caracterização quase que universal como indócil e perigosa, servia e facilitava a implementação de determinadas pedagogias e medidas educativas, que por sua vez reforçavam a conformação de um conceito único de juventude.

Apesar de bastante enfatizado pelas ciências antropológicas e sociais, o conceito de juventude se funde, reduzindo-se em sentidos e concepções quase únicas sobre o que é jovem, referindo-se à juventude como uma época de estilos e excessos, de vários enfrentamentos de toda ordem.

Assim, ao resumir a juventude somente como um estado de rebeldia, agitação, paixão e crescimento, estaremos relegando outros modos de defini-la e vivê-la, que são visíveis nas ruas, nas casas e nas escolas, da mesma forma que não existe apenas um modo de se viver a fase adulta. Existem várias maneiras de ser jovem, como há várias maneiras de ser velho, sem esquecer que estas classificações são sócio-culturais. A duração das denominadas “fases da vida” (a infância, a adolescência, a juventude, a maturidade e a velhice) e suas fronteiras, são discutíveis e sujeitas a revisão e reinterpretação.

Neste raciocínio, o trabalho de Ariès (1986) constituiu-se uma referência e provocou desdobramentos na tentativa de desnaturalizar tais representações de idade.

A terceira questão que motivou este trabalho foi romper com o entendimento consensual da função do período jovem como fase preparatória, onde a juventude deverá aprender os códigos sociais e as responsabilidades do mundo adulto, sendo nele depositada a função de continuidade da vida, despindo-o da inocência e da tolerância infantil, mas sem lhes dar o reconhecimento social do adulto. Nossa crítica se fundamenta na compreensão de que essa visão coloca o período do jovem como uma etapa de hiato, um “vir-a-ser”, com metas projetadas sempre para o futuro, o que termina por negar-lhe a identidade própria.

Mas a condição juvenil como etapa de vida, que se situa entre a proteção socialmente exigida para a infância e a emancipação esperada na vida adulta, tem suas especificidades. As questões ligadas a sexualidade, gênero, namoro, amizade, transgressões e desvios, sociabilidade, esporte, profissionalização entre outros, apontam para a riqueza, a diversidade e a complexidade da construção social da juventude.

Em consonância com este tema, atualmente, levantam-se questões sobre as funções das instituições sociais em relação ao jovem.

O papel das instituições sociais, tendo como socialização primária a família, constitui um domínio em que a hierarquia é estruturante. É marcada pela regra, através da qual os indivíduos são englobados em unidades maiores, estabelecendo limites, construindo e disciplinando sentimentos e afetos. No entanto, na sociedade contemporânea, a difusão dos valores individualistas geram contradições, pois contrapõem-se à hierarquia familiar.

Há décadas, a juventude se insere na grande parte dos denominados “problemas sociais”, ao mesmo tempo em que há um crescente esforço para prolongar a jovialidade dos adultos (aproveitar ao máximo a vida). A juventude é vista, ao mesmo tempo, como parte de um mecanismo de continuidade de valores e de reprodução social, e como ameaça ou causa do rompimento desses mecanismos, das normas e das regras já estabelecidas socialmente para os jovens.

Quanto à escola, instituição de socialização secundária, os jovens mais pobres, por exemplo, não se iludem, não embarcam no “mito da escolaridade”, pois para eles a escola não é vista como garantia de emprego. Têm consciência de que a escola é importante como o passaporte que permite a viagem para o emprego, mas sem

qualquer certeza e, tomando o quadro ainda mais difícil, as baixas expectativas de mobilidade social interferem nas possibilidades da juventude projetar o futuro.

Somada a toda a diversidade que circunda a juventude, percebe-se que o futuro fracassa nesta época pós-moderna<sup>1</sup>. Fracassa em oferecer as possibilidades de concretização das aspirações que, em relação a eles, se desenham. Seus projetos estão ausentes do horizonte que se configura à sua frente: com isso, o importante passa a ser, viver o momento.

Notamos que uma das características das gerações mais velhas é a orientação das suas vidas por caminhos e valores de segurança e rotina, uma necessidade “bem prosaica”, enquanto as mais jovens optam pelo desvio, pela ruptura. Assim, vivem as excitações do cotidiano, os excessos de velocidade, as festas “rave”, o risco, o consumo de drogas etc., celebrando as sensibilidades de suas culturas e com seu futuro sem futuro, desgovernado pelo princípio da incerteza.

Desta forma toma-se o risco como recurso utilizado para transcender a natureza prosaica do cotidiano, uma necessidade de diversão para aproveitar a vida sem ter que se preocupar com o futuro. Assim o risco torna-se portador de um poder que valoriza o jovem que se confronta com ele. O mundo da escola para ele é casual, assim como as avaliações, os diplomas, o futuro.

Muitas vezes, faltam às aulas ou ficam contentes quando os professores faltam. Talvez porque nesta escola “prosaica”, não abra espaços para as suas necessidades “poéticas”.

É importante desvendar as sensibilidades das culturas juvenis em vez de nos aprisionarmos a modelos prescritivos, com os quais os jovens já não se identificam. As culturas juvenis reclamam a inclusão, o pertencimento, o reconhecimento.

Assim, em um contexto urbano e contemporâneo, outros tipos de questões vão se colocando. O trabalho se complexifica e torna-se mais competitivo, apresentando

---

<sup>1</sup> Segundo Silva (2000), Pós-modernismo refere-se ao movimento que engloba as artes, a arquitetura, a teoria social e a filosofia, e que ligado as diversas transformações sociais e culturais o distingue do período anterior, para assim poder ser caracterizado como uma nova época histórica. A descrença no discurso, a deslegitimação da ciência como fontes tradicionais e autorizadas de conhecimento, o descentramento das identidades culturais e sociais, a preferência pelo híbrido, pelo provisório, assim como pela aceitação da indeterminação e da incerteza são indicadas como algumas de suas características. Várias são as denominações encontradas que se referem ao momento contemporâneo. Este tema será abordado com maior profundidade em capítulo posterior, mas optamos pelo uso do termo Pós-modernismo, pois entendemos este período como etapa de superação ou até negação da fase imediatamente anterior conhecida como Modernidade e que a coloca como centro de atenção e debate.

novas ocupações e expectativas de estabilidade e segurança: a música, nas mais diversas manifestações, produz e multiplica diferentes tipos de público; o mundo da informática, novas formas de comunicação e sociabilidade. Os esportes radicais são outro exemplo. O excesso traduz a superação do limite vista como saída desse espaço prosaico. Também são associados à preocupação com a saúde e tem na estética corporal um forte valor. Criam-se modelos ideais de sujeito baseados no desempenho físico. As ações individuais passam a ser dirigidas com o objetivo de obter melhor forma física, longevidade e prolongamento da juventude. Cote e Sanches (2006), em artigo recentemente escrito para revista *Época*, mencionam vários estudos que mostram que as pessoas que determinam as tendências estão na faixa de 18 e 28 anos e que a partir disto, passam a se espelhar no comportamento da faixa dos mais novos, buscando assim resgatar sua juventude.

A ideologia do corpo perfeito nos leva a compreender as doenças que retorcem a figura humana como sinônimo de fracasso pessoal.

Os estereótipos atuais contra os gordos, idosos e outras figuras que fogem ao padrão do corpo ideal têm o mesmo efeito estigmatizador e excludente. A obsessão pelo corpo bronzeado, malhado, sarado e “siliconado” faz aumentar o preconceito e dificulta o confronto com o fracasso de não atingir esse ideal, como testemunham as anorexias, bulimias e depressões cada vez mais comuns entre jovens na nossa sociedade.

Os jovens, também, passam a demarcar as influências consumistas na cultura juvenil, demonstrando como se apropriam e recriam as influências da moda, da mídia, e da economia desses setores, criando estilos variados. Observa-se a existência de grupos e segmentos juvenis organizados que falam por parcelas da juventude, mas nenhum grupo tem a delegação de falar por todos aqueles que fazem parte da mesma faixa etária.

Poderíamos apontar aqueles nascidos há 14 ou 24, entretanto esses limites de idade também não são fixos. Para os que não têm direito à infância, a juventude começa mais cedo. No outro extremo, como o aumento da expectativa de vida e com as mudanças no mercado de trabalho, uma parte acaba por alargar o chamado “tempo da juventude” até a casa dos 30 anos. Qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais.

Assim, acreditamos que as dificuldades junto aos jovens, enfrentadas pelos discentes durante as aulas, como também em outros espaços sociais, remetem a uma

superação da compreensão deste momento da vida, que ultrapassa as questões biológicas e psicológicas e opta por uma perspectiva sócio-histórica e cultural, percebendo os jovens, assim como a própria juventude e suas culturas, como distintos e variados, dependentes de suas experiências consoantes com a época, o local, e sob as condições em que vivem.

Nossa pretensão, através deste trabalho foi a de discutir e refletir sobre a juventude, suas culturas, momento histórico que vivemos, os influxos e o projeto das instituições educacionais e escolares.

No entanto precisamos refletir sobre de que jovens, de que culturas e de que escolas estamos falando?

Podemos dizer, sob certa perspectiva, que a escola democratizou-se. Democratizou-se no sentido de ter aberto suas portas para as diferentes camadas da população, ampliando e aumentando seu espaço de convivência para diferentes espectros sociais e culturais e semeando um terreno de lutas pelas suas validações.

Centramos nossa atenção sobre aquelas produções culturais organizadas através das práticas corporais que concebem o movimento humano como forma de linguagem. Tais produções, como cita Neira (2007), percebem a intenção comunicativa deste movimento humano caracterizado pelo patrimônio cultural humano sistematizado como esporte, luta, ginástica, dança e brincadeiras, e que se configuram no objeto de estudo pertinente ao componente Educação Física dentro do ambiente escolar, compreendido como cultura corporal.

Assim, procuramos observar as diversas manifestações corporais juvenis e suas relações com a escola e seus protagonistas. Abordamos esta problemática partindo do pressuposto apresentado anteriormente de que a juventude configura-se de forma totalmente dependente de seu contexto sócio-histórico; suas culturas, e mais apropriadamente no caso deste trabalho, suas culturas corporais e as lutas pela validação de seus significados estão também ancorados nesta conjectura.

Desta forma, nossa intenção, através deste trabalho, foi a de identificar os elementos que podem compor a cultura corporal juvenil de um grupo social- Jovens pertencentes aos estratos sociais economicamente desprivilegiados. Buscamos reconhecer seu patrimônio cultural para que elementos fossem recolhidos e pudessem subsidiar a construção de um currículo de Educação Física que contemple as diferentes identidades juvenis.



